

Resenhas

AEBISCHER, Verena e FOREL, Claire (orgs.) *Falas Masculinas, falas femininas? Sexo e Linguagem*. São Paulo, Brasiliense, 1991, 196 págs.

Nadir Domingues Mendonça *

Na maioria das análises sobre as transformações sociais, de nosso tempo, há uma frequência em situar maio de 1968, como um marco. Realmente, efetuaram-se profundas mudanças em relação à política, à sexualidade, à condição da mulher, à defesa das minorias. E, como o fascínio provocado por um prisma ao deixar-se decompor nas mais sutis nuances, estas realidades desafiam múltiplas reflexões.

Falas Masculinas, Falas Femininas? Sexo e Linguagem, uma coletânea de sete artigos, organizada por Verena Aebischer e Claire Forel é mais um sinal de como há variedade no matizado dos temas sobre o momento histórico. A divisão por sexo, ao longo da história da humanidade, tem sido fundamental na organização da sociedade. Em grau e dimensões em que ainda não cessaram as conjecturas. Talvez, a mudança mais profunda de nossa época seja o desejo da mulher de buscar uma identidade própria. Tradicionalmente a mulher aspirou ser mulher, mas sempre o fez como resposta ao desejo do homem. A mulher, no presente, busca sua própria identidade para ser realidade e não como uma existência em fac-símile, para corresponder às aspirações do homem.

Se esta vontade da mulher de não ser apenas signo constitui-se uma alteração sem precedentes na história, não é menor o impacto dos meios de comunicação na vida social. Naturalmente, a linguagem é a primeira e mais afetada forma de convívio humano. Deste modo, uma análise das relações entre sexo e linguagem reveste-se de atualidade e revelância para o estudo da sociedade. Assim, estes ensaios originados nas áreas da Antropologia, da Lingüística e da Psicologia Social são, também, de interesse para a História.

Em seu conjunto, os artigos mantêm uma unidade pelo objetivo de "situar, no campo das questões relativas à linguagem e ao sexo, as falas

* Prof.^a Dra. de História Contemporânea na UFMS.

masculina e feminina" e, por uma reflexão teórica nova, em que o feminismo é visto como um "modelo teórico e explicativo ultrapassado". Assim, os autores vêem que "não é necessário colocar a diferença sexual antes de tudo, às vezes uma diferença não é nem pertinente, nem desejável". O que interessa "é compreender o objetivo e o funcionamento dessa diferenciação".

Os ensaios são precedidos de uma introdução em que é exposto o estado atual da questão. A curiosidade sobre as diferenças lingüísticas relacionadas ao sexo tem registro, desde o século XVI; foi preocupação de exploradores e missionários. Nesta trilha seguiram os antropólogos, etnólogos e lingüistas. Entretanto, apenas na década de 70, com o impulso do movimento feminista houve o incremento de pesquisas e publicações tendo como "objeto a significação do sexo e o papel sexual na utilização da linguagem".

Em colóquios e ateliês também efetivaram-se discussões desta problemática. O questionamento desenvolvido gira em torno: do estudo da estrutura da língua. Deste ponto de vista, "a língua reflete o fato de que é uma instituição dos homens, da qual as mulheres são mais ou menos excluídas". As denúncias fazem-se, então, sobre as regras gramaticais. Um segundo eixo é o "estudo da história da língua e das possibilidades de planificá-la sistematicamente. Pesquisadoras feministas desencadearam verdadeiras reformas da língua. E uma terceira linha detém-se sobre a utilização da língua, como de distinções entre a palavra dos homens e a palavra das mulheres, em diversos níveis, no que diz respeito à fonologia, sintaxe e morfologia.

Os sete ensaios de *Falas Masculinas, Falas Femininas? Sexo e Linguagem*, contrapõem-se ao conjunto dessas pesquisas, em que a linguagem dos homens é "tomada como normal" e a das mulheres é "tratada como desvio ou defeito". Em vez da interrogação do que é diferente "para justificar ou denunciar essa diferença", os autores questionam "o *porquê* e o *como* dessa diferenciação, ou seja, sua função tanto para aquele ou aquela que fala quanto para aquele ou aquela que escuta ou observa".

A diferença, enquanto processo, é olhada sob os pontos de vista lingüístico e psico-sociológico. A linguagem é tratada "não enquanto determinada ou determinante, mas enquanto veículo e instrumento de representações e comportamentos". Esta abordagem afasta-se do sexismo e dos estereótipos.

Ser contra o sexismo, diz Claire Forel, "não consiste em abolir toda a referência ao sexo, mas em poder distinguir situações em que este é importante e aquelas em que não o é". A língua é apenas um instrumento que serve para dizer o que se deseja. "Se, pois existe sexismo, não é na língua que devemos acusá-lo, mas sim naquilo que queremos dizer".

Do mesmo modo, é tratada a palavra tabu; sua origem não se deve situar na língua, mas na maneira pela qual, os fenômenos são representados. Em consequência, o tabu não pode ser atacado ao nível lingüístico. A divisão do livro baseia-se em unidades estruturais, distribuídas em três capítulos: No 1º capítulo: "As Palavras", a abordagem é lingüística; no segundo: "Os Sons", o procedimento é sociolingüístico; o último capítulo: "A Conversação", numa abordagem etnometológica são analisadas as regras que regem as conversas entre homens e mulheres.

Ressalta, na série de ensaios, a consideração da linguagem como agente de signos e condutas e, por efeito, de saber e poder. Neste sentido, apesar de não se tratar de uma pesquisa histórica, com ela se relaciona pelas elaborações culturais que se entrelaçam. É, entretanto, particularmente, interessante para análise de discurso.